

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

A EXPERIÊNCIA DO CINEMA NA ESCOLA, SEGUNDO PROFESSORES DE UM COLÉGIO ESTADUAL EM VITÓRIA DA CONQUISTA¹

Mônica Medina Santos Almeida Neves (UESB)²

Sandra Márcia Campos Pereira (UESB)³

Benedito Gonçalves Eugênio (UESB)⁴

Resumo

O ensino da arte tem por objetivo proporcionar a leitura e a reflexão da obra de arte e/ou objetos estéticos, assim como promover o fazer criativo em diversas linguagens, buscando desenvolver no sujeito a capacidade de se relacionar em sociedade, de apreciar e interagir com os elementos culturais e as linguagens artísticas. O presente artigo é parte de uma dissertação de mestrado que abordou essa temática acerca da experiência do cinema em uma escola estadual do ensino fundamental de Vitória da Conquista, Bahia. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo exploratória. Os dados foram oriundos de questionários aplicados a 12 professores. As conclusões assinalam que persiste uma lacuna entre a existência da Lei 13.006/14 e a prática do seu objeto, que é o cinema nacional para toda a educação básica.

Palavras-chave: Cinema na escola. Imaginação. Experiência.

Abstract

The teaching of art aims to provide reading and reflection of the work of art and/or aesthetic objects, as well as promote the creative making in various languages, seeking to develop in the subject the ability to relate in society, to appreciate and interact with others. Cultural elements and artistic languages. This article is part of a master's dissertation that addressed the cinema experience in a state elementary school in Vitória da Conquista, Bahia. It is a qualitative, exploratory research. The data from questionnaires applied to 12 teachers. The conclusions point out that there is still a gap between the existence of

¹ Este artigo resulta da edição de parte da Dissertação de Mestrado de uma das autoras (NEVES, 2018), que se encontra publicado, na íntegra, no *site* da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

² Mestre em Ensino pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Professora do Curso de Cinema e Audiovisual da mesma instituição.

³ Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professora da graduação e do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

⁴ Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor da graduação e do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

Law 13.006/14 and the practice of its object, which is the national cinema for all basic education.

Keywords: Cinema at school. Imagination. Experience.

Introdução

O cinema na escola é uma experiência pedagógica vigorosa e prática cultural de formação, questionador incansável do homem e seu agir na sociedade. A presença do cinema na educação ensina também sobre leitura e criação de imagens, além de promover nas crianças e nos docentes inseridos no processo de ensino-aprendizagem uma educação estética, ressignificando a percepção e o olhar. Desse modo, temas como belo e feio, podem ser compreendidos por meio de reflexões mais aprofundadas.

O cinema enquanto arte imagética estimula a imaginação, a fantasia e o sonho. O ensino da arte tem por objetivo proporcionar a leitura e a reflexão da obra de arte e/ou objetos estéticos, assim como promover o fazer criativo em diversas linguagens, buscando desenvolver no sujeito a capacidade de se relacionar em sociedade, de apreciar e interagir com os elementos culturais e as linguagens artísticas.

A experiência do cinema na escola, por meio da Lei 13.006/14, pode potencializar a imaginação e a criatividade. A nossa análise se faz com o material oriundo de questionários aplicados a 12 professores do Colégio Estadual Pedro Sacramento – CEPS (nome fictício), localizado no município de Vitória da Conquista (Bahia).

Nessa perspectiva, trazemos para análise a Lei 13.006/14, que tornou obrigatória a projeção de filmes nacionais para a educação básica. Nosso olhar se direciona para o cinema enquanto experiência que supostamente desenvolve a imaginação e a criatividade, de tal modo, transformando o sujeito.

Entendemos ser o cinema um produto audiovisual, construído por imagens e sons, possuidor de uma estrutura narrativa e dramática, produzido coletivamente e direcionado para a coletividade, mas, sobretudo, alcançando o homem em sua condição de sujeito da experiência. Observamos, nessa circunstância, de acordo com a ótica de Larrosa (2011), o indivíduo como um campo sensível a ser atingido quando algo passa por ele e o transforma. Nosso pressuposto é de que por meio do cinema na escola que o

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

aluno, ao ser tocado, pode se transformar. O que passa por ele, ou seja, perpassa seu corpo e suas emoções, são os filmes.

1 A experiência do cinema em sala de aula

O nosso estudo se propôs a compreender a experiência do cinema em sala de aula, com exibição de filme brasileiro que, fundamentado na Lei 13.006/14, se tornou obrigatório para a educação básica. Discutimos o vocábulo *experiência*, tomando por base o pensamento de Jorge Larrosa (2002, 2011). Este pesquisador aponta em seu trabalho que a experiência, na escola contemporânea, pouco acontece. Isso porque a instituição de ensino tem se ocupado mais em desenvolver experimentações; para ser experiência a escola precisa entender que a busca excessiva por conhecimento, não deve ser, constantemente, o seu objeto. Nesse contexto, é fundamental respeitar as pausas, libertar-se do acúmulo de mais saber e mais trabalho, para ser atravessado pela experiência transformadora.

Com isso, diz Larrosa (2011), os atores responsáveis pelo processo de ensino e de aprendizagem, estão sempre, obsessivamente, condicionados na procura por informação, no rastreio da notícia, visto que eles são obrigados, pelas demandas da profissão. Ademais, o currículo escolar, assinala o autor, habitualmente assoberbado, não reserva tempo para a reflexão e o silêncio.

O que se quer, neste texto, é dar certa densidade à experiência e mostrar indiretamente que a questão da experiência tem muitas possibilidades no campo educativo, sempre que sejamos capazes de lhe dar um uso afiado e preciso. Há um uso e um abuso da palavra experiência em educação. Mas essa palavra é quase sempre usada sem pensar, de um modo completamente banal e banalizado, sem ter consciência plena de suas enormes possibilidades teóricas, críticas e práticas. O que vamos fazer, a seguir, não é nada mais que pensar a experiência e desde a experiência, e apontar para algumas das possibilidades de um pensamento da educação a partir da experiência. (LARROSA, 2011, p. 4)

Larrosa (2011) reflete sobre a experiência por ela mesma, ou seja, do que é necessário e indispensável para a sua manifestação. Por ser um acontecimento exterior ao sujeito, demanda para a sua revelação a existência do outro, “Não há experiência,

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

portanto, sem a aparição de alguém, ou de algo, ou de um isso, de um acontecimento em definitivo, que é exterior a mim” (LARROSA, 2011, p. 5). Esse outro, que se encontra fora, promove o surgimento da alteridade e atinge no indivíduo da experiência algo que lhe é completamente diferente.

E lhes direi, desde agora, que, na experiência, essa exterioridade do acontecimento não deve ser interiorizada, mas deve manter-se como exterioridade, que essa alteridade não deve ser identificada, mas deve manter-se como alteridade, e que essa alienação não deve ser apropriada, mas deve manter-se como alienação. A experiência não reduz o acontecimento, mas o sustenta como irreduzível. (LARROSA, 2011, p. 6)

A propósito da experiência, afirma Larrosa (2011), ainda que seja um acontecimento externo à pessoa e que necessite da participação do outro, é nele que se manifesta, seu corpo é o lugar pertinente a experiência. Logo, ela representa um movimento que se retira do sujeito até o acontecimento, quer dizer, o outro e ao regressar o atinge determinando-lhe implicações naquilo que ele é, sua subjetividade.

Dado que a experiência, nesse movimento processual, é consecutivamente subjetiva, porque qualquer coisa lhe passa e lhe exterioriza, com isso ele se percebe aberto, afetivo e desprotegido. Em contrapartida, revela Larrosa (2011, p. 7), devido a essa subjetividade, não é possível haver uma experiência universal, comum a todas as pessoas, pois que “[...] a experiência é sempre experiência de alguém ou, dito de outro modo, que a experiência é, para cada um, a sua, que cada um faz ou padece sua própria experiência, e isso de um modo único, singular, particular, próprio”.

A experiência que valoriza a individualidade do sujeito, que lhe permite ser atravessado pelo outro, que o expõe as incertezas dessa hodierna aventura, sensibiliza-o e ainda lhe favorece ser construído e transformado. Uma vez que esse sujeito, no processo de transformação que se faz ao atravessá-lo, não pode ser outra coisa senão da experiência, pois a compreensão do não saber, poder e querer se adequa às incertezas, a abertura, ao esvaziamento das garantias que é o lugar da experiência. Em tais condições ocorrem a sua formação e conseqüente mudança, nesse caso, de acordo com Larrosa (2011), essa pessoa não se coaduna com a forma tradicional de educação pautada somente na aprendizagem e no saber.

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

Para Larrosa (2014), a experiência dá significado à educação. Nesse sentido, quem educa transforma significativamente o que sabe, mas sem pretender comunicar apenas aquilo que já sabe. A experiência se manifesta ainda num movimento de relação do indivíduo consigo próprio e com o outro, também com a sociedade, a linguagem, o pensamento, etc., assim “colocar a relação educativa sob a tutela da experiência (e não da técnica, por exemplo, ou da prática) não é outra coisa que enfatizar sua implicação com a vida, sua vitalidade” (LARROSA, 2014, p. 74).

Na Pedagogia, o termo *experiência* se relaciona “com um não e com uma pergunta”: o não se refere ao que é oferecido enquanto algo fundamental e imposto isso, de acordo com o autor, não é mais aceitável. A pergunta é respectiva ao outro, mas não pretende ordená-lo.

É preciso abrir a janela. Porém, sabendo que o que se vê quando a janela se abre nunca é o que havíamos pensado, ou sonhado, nunca é da ordem do “pre-visto”. Por isso a pergunta sobre “de que outro modo” não pode ser outra coisa que uma abertura. Para o que não sabemos. Para o que não depende de nosso saber nem de nosso poder, nem de nossa vontade. Para o que só pode se indeterminar como um quem sabe, como um talvez. (LARROSA, 2014, p. 75)

Bergala (2008) entende a experiência do cinema na escola como o viés para a alteridade. Compreende, no entanto, que cinema enquanto expressão artística, no espaço educativo normatizado, é um estranho invadindo este ambiente.

2 Metodologia

A nossa pesquisa é qualitativa, do tipo exploratória. A pergunta que orientou o desenvolvimento da pesquisa foi: Como a experiência do cinema na escola, a partir da Lei 13.006/14, pode potencializar a imaginação e a criatividade? A pesquisa de abordagem qualitativa, segundo Cano (2012), almeja aprofundar na situação dos envolvidos, para então explicar o fato e elucidar o real.

Com o propósito de obter resposta ao problema de pesquisa, aplicamos questionários para os professores de uma escola de ensino fundamental e médio, ficticiamente denominada Colégio Estadual Pedro Sacramento – CEPS, localizada no município de Vitória da Conquista (Bahia). Em 2018, a escola contava com 498 discentes

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

matriculados. O CEPS possui um corpo docente formado por 15 educadores. Responderam ao questionário da pesquisa 12 docentes, conforme dados apresentados a seguir.

Tabela 1 - Dados dos sujeitos da pesquisa

Professor	SEXO		FORMAÇÃO ACADÊMICA	TEMPO DE ENSINO	NÍVEL/TURMA	DISCIPLINA
	fem.	masc.				
A	X		Especialista	34 anos	Fundamental II	Inglês
B	X		Especialista	33 anos	6º e 7º	Língua Portuguesa
C	X		Especialista	31 anos	Fundamental II	Geografia Artes
D	X		Superior (Letras Vernáculas)	27 anos	8º	Língua Portuguesa
E	X		Especialista	24 anos	Fundamental II	Geografia História
F	X		Mestrado	23 anos	Coordenadora Pedagógica	
G	X		Especialista	19 anos	Fundamental II	Língua Portuguesa
H		X	Mestrado	16 anos	Fundamental II	História
I	X		Superior (Pedagogia)	10 anos	Fundamental	Língua Portuguesa
J	X		Superior Completo	1 ano	8º e 9º	Matemática
L	X		Superior Incompleto	-	6º ao 9º	Ciências
M		X	Superior Incompleto	-	6º ao 9º	Ciências

Fonte: elaborada pelos autores deste artigo

3 Resultados e discussão

3.1 A experiência do cinema na escola

A escola é o espaço onde o aluno se desenvolve e aprende, não apenas conhecimentos científicos, mas a sua instrução deve perpassar o entendimento de cultura, estética e arte. Nesse caso, a experiência com o cinema também é possível no campo educativo. Mas como acontece o encontro da experiência fílmica no espaço educativo? A

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

escola tem oportunizado semelhante experiência? Segundo a professora B: “*Porque não há espaço apropriado para a exibição*”. O CEPS, *locus* da pesquisa, não possui um espaço para a mostra de filmes que são projetados na sala de aula, cuja estrutura é insuficiente. Refletimos, nesse caso, como é possível acontecer a experiência do cinema e alcançar o aluno, se o lugar em que essa arte se manifesta não está apto para dita experiência?

Ao pensar o cinema na escola, como instrumento que objetiva desenvolver o estudante no contexto estético, cultural e artístico, deveria o Estado considerar a infraestrutura do espaço físico, assim como a formação do professor para a inserção do cinema em suas práticas pedagógicas. Um ambiente não apropriado impede tal fruição. Semelhantemente a B, responderam os professores C, E, J e M, porém, estes acrescentaram mais uma dificuldade para a exibição cinematográfica:

Como a estrutura é precária e o tempo escasso, o trabalho não se completa para alcançar os objetivos (C).

A questão do horário (E).

A escola não tem infraestrutura (J).

Pouco tempo para desenvolver as atividades (M).

A preocupação das educadoras B, C e J, é relativo ao espaço físico inadequado das salas de aula, conforme pudemos atestar, ou seja, sem cortinas para diminuir a iluminação externa e cadeiras pouco confortáveis, que retiram do estudante a capacidade para a contemplação e o silêncio diante da obra filmica. A docente C, de geografia e Artes, com 31 anos de experiência na educação, apresentou como problemática, além da estrutura ambiental, a escassez de tempo como fator que impede atingir as metas para a realização dessa experiência. Estamos conscientes, por outro lado, que são grandes as demandas para cumprir no currículo nos prazos garantidos pela Lei de Diretrizes e Bases. Segundo Larrosa (2002, p. 23):

E na escola o currículo se organiza em pacotes cada vez mais numerosos e cada vez mais curtos. Com isso, também em educação estamos sempre acelerados e nada nos acontece. [...]a experiência é cada vez mais rara por excesso de trabalho. Esse ponto me parece importante porque às vezes se confunde experiência com trabalho.

Ressaltamos que a Lei se refere à exibição de filme brasileiro para os estudantes da educação básica, logo está se referindo à mostra de cinema para crianças e

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

adolescentes. Nesse caso, os professores devem observar a faixa etária do educando ao selecionar o filme. Os professores precisam acreditar no cinema como ferramenta educativa e se proporcionarem, enquanto sujeitos abertos para tal experiência, conhecer verdadeiramente as possibilidades de desenvolvimento cultural, estético e humanitário que constituem o universo fílmico.

A professora L aponta que “*Não tem como colocar qualquer filme, tem que ter restrição*”. Geralmente, o poder de seleção da obra fílmica compete ao educador e ele, muito provavelmente, elegerá trabalhos mais harmônicos com o perfil da turma.

Relativo à maneira com que a escola tem possibilitado a experiência com o cinema, o docente H justificou que a “*Exibição de filmes ainda é visto como um passatempo*”, ou seja, como brincadeira, divertimento e lazer. Mas também não é essa uma das metas do cinema? Entender o filme como um instante de recreação, de pausa do excesso de informação e afazeres, pode ser uma das passagens para a experiência. Nesse quadro, Larrosa (2002) observa que experiência e trabalho não estão precisamente na mesma esfera. Uma vez que o homem contemporâneo não se aquieta, já que precisa estar sempre informado, consumir o máximo de notícias, pois ele é vocacionado ao trabalho e nesse sentido, busca aderir o mundo ao seu redor.

Se o aluno assiste ao filme como um passatempo, então o professor pode se apropriar positivamente desse momento, descobrindo quais estratégias usar para tal adequação e fazer de agradável experiência algo que favoreça a todos os envolvidos. A experiência solicita do sujeito uma atitude de interrupção e nela o seu pensar, ver e ouvir é mais lento, com isso, ele também se aquieta para sentir, perceber o outro no que o autor chama de “cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço” (LARROSA, 2002, p. 24). Desse modo, o docente está mais aberto para perceber que metodologia empregar e não emitir uma opinião improdutiva respectivo ao “passatempo”.

Esse “passatempo” é potencialmente construtivo para a experiência com o cinema tecer a rede de saberes que se constrói a partir da não insistência em buscar mais conhecimento: o aluno se afasta das informações disciplinares, se deleita com a narrativa fílmica e, entre estes dois conteúdos, há o silêncio tomado por outros discursos, por falas desconhecidas e experiências vivenciadas na esfera ficcional que permeia seu corpo.

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

Perguntados se é possível ensinar e aprender com os filmes, os docentes A, C, D, E, F, G, I, J e L responderam afirmativamente, ao passo que os professores B, H e M, acreditam que isso depende do conteúdo do filme. O cinema conta uma história, possui imagem e som (vozes, ruídos, músicas), trata-se, portanto, de conteúdo narrativo, imagético e sonoro. Muitos docentes preocupam-se mais com uma pedagogização do cinema. Nesse contexto, a experiência com o cinema não ocorre. De acordo com Larrosa (2011), a experiência é um encontro que afeta o indivíduo e o subjetiva ao atingir o seu corpo como um todo. O conteúdo, nesse caso, pode ser um obstáculo, pois se trata do saber, de certo modo, já conhecido, portanto, o acontecimento da experiência, nesse contexto, não se manifesta.

Com relação ao acontecimento da experiência, trazemos o conceito de cuidado de si, que para Foucault (2006), corresponde dizer que o indivíduo sob o governo dos outros, também exerce o governo de si, a experiência de si para consigo mesmo. Ou seja, por meio dessa singular experiência, ele pode relacionar-se consigo e com o outro. Nesse processo ocorre ainda a abertura para a alteridade, segundo a análise de alteridade em Larrosa (2011) e Bergala (2008). Nessa relação do aluno consigo próprio e com o outro (filme, colegas, professor), ele é capar, ao aprender, também ensinar.

Novamente nos reportamos a Larrosa (2002), a fim de compreender que a experiência não se manifesta quando a obstinação está no conteúdo, ou seja, na informação adquirida, que resulta no elemento mais pujante.

Do mesmo modo que temos buscado criar, nos diferentes níveis de ensino, estratégias para desenvolver o interesse pela literatura, precisamos encontrar maneiras adequadas para estimular o gosto pelo cinema. Nesse caso, gostar significa saber apreciar os filmes no contexto em que eles foram produzidos. Significa dispor de instrumentos para avaliar, criticar e identificar aquilo que pode ser tomado como elemento de reflexão sobre o cinema, sobre a própria vida e a sociedade em que se vive. Para isso, é preciso ter acesso a diferentes tipos de filmes, de diferentes cinematografias, em um ambiente em que essa prática seja compartilhada e valorizada. (DUARTE, 2002, p. 89).

Deduzimos que os educadores B, H e M precisam, dentro do possível, se afastarem de um conceito de cinema pautado na ênfase do conteúdo, não que esse sentido seja errado, mas para se permitirem, juntamente com os seus educandos, viverem a

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

experiência do gosto pelo cinema. Entretanto esse anseio pelo filme exibido deve avaliar, conforme a autora, o filme em si, a totalidade argumentativa ou a circunstância, o cenário em que a obra foi criada.

Com isso, o professor não deixa de observar o conteúdo, mas valoriza o cinema enquanto expressão artística que fala de narrativas e conflitos humanos e, nesse processo, ao atingir profundamente os envolvidos na trama fílmica, provavelmente os transformem. Por certo, os personagens são modificados e libertos através das experiências que sofrem. Assim, aluno e professor, diante da projeção, se vivem a experiência do cinema, podem se permitirem ser transformados durante essa mostra.

A hora do cinema e da arte, é a do intervalo, da suspensão factível para desenvolver o gosto e, supostamente, ampliar os conhecimentos. A experiência, se contempla aventura, não é compreensível, nem clara, pois também envolve sentimento, afinidade ou simpatia, exterioriza e interioriza a pessoa, mais que potencializar novos saberes, a forma e a transforma.

No tocante à possibilidade efetiva de ensino aprendizagem com os filmes, os professores B, C, D, E, F e L, acreditam nessa assertiva, mas B e E teceram rápidos comentários, enquanto os demais se esquivaram de maiores explicações. *“O conteúdo deve ter uma estreita relação com o conteúdo abordado (B). Sempre que passa um filme em sala, é para enriquecer mais o conteúdo trabalhado, por isso mais válido (E)”*.

A preocupação dos professores B e E em ligar o cinema com os conteúdos curriculares, seguramente, podem esgotar a possibilidade de manifestação da experiência. Porque se organizam para o momento pós filme, diante disso, tudo parece antecipadamente programado, com poucas aberturas para o imprevisível e as manifestações singulares. Conforme Larrosa (2011), o saber da experiência é particular e individual. Entendemos, portanto, ser a experiência contrária a obstinação em reconhecer mais o conteúdo educativo, geralmente, voltado para o uso racional do saber, “[...] a experiência é sempre impura, confusa, muito ligada ao tempo, à fugacidade e à mutabilidade do tempo, [...] muito ligada ao nosso corpo, as nossas paixões” (LARROSA, 2011, p. 23).

Esse conceito lembra a ideia de sentimento em Vygotsky (1999, p. 250): “O

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

sentimento não tem a propriedade de ser claro. O prazer e o desprazer podem ser intensos e duradouros, mas nunca claros”. Entretanto, ao trabalhar previamente o conteúdo, o professor se esforça para ser compreendido e que a clareza das informações apresentadas alcance todos os seus alunos. Explica Larrosa (2011) que na ênfase de uma fala e um pensar racional, a experiência não aparece, “Na origem de nossas formas dominantes de racionalidade, o saber está em outro lugar, que não na experiência” (2011, p. 23). Nesse contexto, a professora C justifica: *“As estórias sempre se passam em locais e retratam momentos históricos e sociais, trazendo informações de forma prazerosa e, na maioria das vezes, despreziosa (C)”*.

O cinema, possuidor de uma estrutura complexa, que é produzido através de ferramentas específicas e tecnológicas, voltado para o público de massa, como toda expressão artística, afirma Duarte (2002), é conhecimento. Portanto, os conteúdos que ele transmite e a pluralidade de culturas estão afastados desse conceito que tange à indiferença.

Imersos numa cultura que vê a produção audiovisual como espetáculo de diversão, a maioria de nós, professores, faz uso dos filmes apenas como recurso didático de segunda ordem, ou seja, para “ilustrar”, de forma lúdica e atraente, o saber que acreditamos estar contido em fontes mais confiáveis. Certamente não há nenhum problema em utilizarmos filmes em nossas aulas. O problema consiste em ignorarmos o valor e a importância deles para o patrimônio artístico e cultural da humanidade. (DUARTE, 2002, p. 87).

Compreendemos nos diversos posicionamentos dos professores que os filmes em suas aulas são empregados mais como recurso didático, o que não é errado, no entanto, essa arte demanda por indivíduos abertos para experiências singulares. Nessa perspectiva, D, professora de língua portuguesa para o 7º ano, com 27 anos trabalhando na educação e graduada em Letras: *“Os filmes elucidam momentos que vão além da aula expositiva. Ele nos repete a viagem ao mundo das visualizações e ajuda no mundo da imaginação (D)”*.

Há um movimento na narrativa da professora D. Ela consegue se afastar da insistência no conteúdo, se expõe à travessia de que nos fala Larrosa (2011), pois indica estar aberta às contingências e imprevisibilidades que são pertinentes ao sujeito da experiência. Nesse caso, a docente pode viver a experiência da alteridade, porque se

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

exterioriza nessa viagem ao outro, que é o filme e deste ao aluno, porquanto “a experiência é uma relação em que algo passa de mim a outro e do outro a mim. E nesse passar, tanto eu como o outro, sofremos alguns efeitos, somos afeta dos” (LARROSA, 2011, p. 10).

E mais uma vez amparados em Larrosa (2011), entendemos que a relação da professora D com o filme parece ser mais atenta e profunda, no sentido de que “[...] tem uma dimensão transformadora, que me faz outro do que sou” (2011, p. 10). Refere-se ainda que os filmes levam para o universo das imagens visuais e da imaginação, pois que a sua diversão não parece só pautada no currículo, daí ser possível manifestar a experiência.

Conforme Fantin (2008), se a escola emprega o cinema, deve estar atenta quanto ao uso deste na adequação didática e considerar a prática do audiovisual e sua afinidade com o imaginário. A autora não se opõe a escola fazer uso do cinema como ferramenta para projeto educativo e apoio das tarefas no espaço escolar, contanto que não o restrinja como código e alternativa cultural, mas que a experiência do cinema seja ainda um meio para aperfeiçoar a visualidade.

Na concepção de Fantin (2008), o cinema como produção cultural no ambiente da escola, sugere que o professor tenha uma atitude crítica para considerar de forma ética e estética o assunto tratado pelo filme, pois essa arte audiovisual e midiática amplia os conhecimentos, expõe conceitos, valores os mais diferentes e contrastantes, do homem e da sociedade. Nesse sentido, assim apontam as docentes: “*Os filmes retratam sobre diversos momentos, ademais possíveis de reflexão e discussão (F). Os filmes aumentam a capacidade de aprendizado (L)*”.

Outro aspecto que merece ser esclarecido em relação a estas respostas de F e L, é que demonstram estarem abertas e expostas para a experiência com o cinema. Reportamo-nos ao pensamento de Bergala (2008), que diz ser fundamental ao educador estar acessível ao cinema e não pautado nos conhecimentos já adquiridos dessa arte, pois limitam e uniformizam os questionamentos discutidos após a exibição.

Os professores A, B, D, G, I e L acreditam que a escola tem atribuído significado à experiência do cinema em sala de aula, porém C, E, F, H e J não creem nessa

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

possibilidade, enquanto M não tem opinião a esse respeito.

Muitas vezes os filmes não são devidamente aproveitados e explorados pelo professor. Tornando-se apenas um lazer (C).

Excelente oportunidade de extrapolar os conteúdos que normalmente são vistos com poucas ferramentas como livro e quadro-negro e giz (D).

Às vezes os filmes são passados só para passar o tempo (F).

Tem todos mecanismos, falta o tempo (L).

Conforme a professora D, o cinema é um instrumento a mais que suplanta os conhecimentos discutidos em sala. Nessa perspectiva, de acordo com Fantin (2008, p. 52), “[...] é uma importante possibilidade de mediação”, e o educador deve estar atento não apenas de que forma os alunos se adaptam ao cinema e as produções culturais, mas como entendem e reproduzem os conhecimentos adquiridos com o filme.

A educadora F vê os filmes apenas para preencher o tempo ocioso. A experiência fílmica pode ser ressignificada com outras maneiras de pensar esse tempo ocioso e preenche-lo. De tal modo, o educador, ainda que não seja um especialista em cinema, é capaz de vê-lo como uma arte que não é improdutiva, mas apta para transformar o olhar crítico e reflexivo. Nesse argumento, Aumont (2008, p. 23), nos lembra que “O cinema não é uma língua, mas serve para pensar. Ou é um modo de pensar”.

Compreendemos que esse pensar não quer dizer ter mais opinião, pois não aconteceria a experiência “Depois da informação, vem a opinião. No entanto, a obsessão pela opinião também anula nossas possibilidades de experiência, também faz com que nada nos aconteça” (LARROSA, 2002, p. 22). Para ele o saber da experiência é finito, pois apresenta o ser humano tangível e único, compreendido ainda enquanto ser coletivo circunscrito na ausência de sentido que é sua limitação.

Indagamos aos docentes sobre quais critérios consideram importantes para a seleção dos filmes exibidos na escola. Para a professora J o conteúdo narrativo da obra é o elemento mais relevante, ao passo que A, B, C, D, E, F, G, H, I, L e M destacam a relação do filme com as suas disciplinas, A, B, C, F, G e H se interessam também pelo conteúdo da história apresentada. Todavia, o cinema, arte das imagens visuais em movimento, é pautado na contação de história que se relaciona com uma disciplina? Conforme Teixeira, Larrosa e Lopes (2006, p. 12), “[...] o cinema, às vezes, somente às

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

vezes, conta uma história”, no entanto, é uma arte do olhar e da instrução do contemplar, do ver.

Os critérios empregados para a seleção dos filmes pelos docentes foram: “*O filme tem que estar de acordo com a disciplina (F). Não tem como passar um filme sem ligação com a disciplina (L). O filme se torna importante quando trabalhado direto com o conteúdo (M)*”. Nessas narrativas, encontramos a predisposição dos educadores em usar o filme como pretexto para o trabalho com os conteúdos das suas disciplinas. Conforme aponta Duarte (2002, p. 88):

Entretanto, geralmente, a escolha dos filmes que são exibidos em contexto escolar dificilmente é orientada pelo que se sabe sobre cinema, mas sim, pelo conteúdo programático que se deseja desenvolver *a partir ou por meio* deles. Nesse caso, o filme não tem valor por ele mesmo ou pelo que representa no contexto da produção cinematográfica como um todo; vale pelo o uso que podemos ou não fazer dele em nossa prática pedagógica.

A arte cinematográfica é bem mais que mensagens pedagogicamente completas, pois “A arte que se contenta com enviar mensagens não é arte, mas um veículo indigno da arte: isso vale também para o cinema” (BERGALA, 2008, p. 48). Segundo o autor, a arte do cinema na escola possibilita romper com as regras estabelecidas, como basear o cinema ao conteúdo das disciplinas ou procurar grandes temas para serem debatidos. Todavia, o professor pode, conforme já apontamos, praticar outros modos de olhar o filme e fazer dessa experiência o encontro com a alteridade.

Buscamos compreender, sob a ótica dos professores, como os alunos participam da projeção fílmica. Os docentes A, B, D, E e G disseram “*Animadas*”; para J e M, “*Achando que é a hora do lazer*”; F e I “*Ansiosos, por ser o momento artístico, onde predomina a liberdade de expressão*”; para C, H e L “*Não demonstram muita importância*”.

Reiteramos, sobretudo, pela ausência de maiores explicações, que os professores ainda associam os conteúdos com a sua disciplina. Isso demonstra que a experiência com o cinema pouco acontece, uma vez que os educadores da pesquisa continuam aferindo valor aos conhecimentos já manifestos, isto é, seus próprios saberes. E não existe a pausa, o afastamento, a abertura para o imprevisível, pois não se expõem ao não saber da

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

experiência. Entretanto, permanecem no campo das informações aprendidas e uniformizadas, com isso “[...] elimina o que a experiência tem de experiência e que é precisamente, a impossibilidade de objetivação e a impossibilidade de universalização” (LARROSA, 2011, p. 24).

Considerações finais

Neste artigo, apresentamos os resultados de uma pesquisa sobre a experiência do cinema na escola. Por meio de questionários contendo questões abertas e fechadas, aplicados a 12 docentes de uma escola estadual, analisamos a experiência do cinema como potencializadora da criatividade e da imaginação.

Constatamos que mesmo sancionada há cinco anos, a Lei 13.006/14, que acrescentou o Parágrafo 8º ao Artigo 26 da Lei nº 9.394 e tornou obrigatório o cinema na escola, por meio da exibição de 2 horas mensais de projeção de filmes nacionais, ainda é desconhecida pelos profissionais de ensino. Persiste uma lacuna entre a sua existência e a prática do seu objeto, que é o cinema nacional para toda a educação básica. Contudo, a arte cinematográfica chega, fragilmente, até a sala de aula, por meio de um querer dos professores, conforme identificamos nas respostas dos docentes pesquisados.

A entrada do cinema na escola e no currículo ainda está muito relacionada ao trabalho com determinados conteúdos curriculares. O desenvolvimento da criatividade e da imaginação valendo-se da projeção dos filmes é praticamente inexistente na escola pesquisada.

Referências

AUMONT, Jacques. **A imagem**. São Paulo: Papyrus, 2008.

BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema**: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: Booklink Publicações LTDA, 2008.

CANO, Ignácio. Nas trincheiras do método: o ensino da metodologia das ciências sociais no Brasil. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 14, n. 31, p.94-119, set/dez. 2012.

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

DUARTE, Rosália. **Cinema e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FANTIN, Mônica. O processo criador e o cinema na educação de crianças. In: FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine (Orgs.). **Educação e arte**: as linguagens artísticas na formação humana. 2.ed. Campinas: Papirus, 2008.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 3**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

LACOST, Jean. **A filosofia da arte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1986.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.04-27, jul./dez. 2014.

_____. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n.19, p.20-28, 2002.

_____. **Tremores**: Escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

NAKAMURA, Rodolfo. **Mídia**: como fazer um planejamento de mídia na prática. São Paulo: Farol do Forte, 2008.

NEVES, M. M. S. A. **Luz, câmera, ação**: imaginação e criatividade potencializadas com a experiência do cinema na escola a partir da Lei 13.006/14. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. UESB, 2018.

PIRES, Maria da Conceição Francisca; SILVA, Sérgio Luiz Pereira da. O cinema, a educação e a construção de um imaginário social contemporâneo. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 35, n. 127, p. 607-616, abr.-jun. 2014.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LARROSA, Jorge; LOPES, José de Sousa Miguel, (Orgs.). **A infância vai ao cinema**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

VYGOTSKY, Lev S. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Recebido em: 30/06/2019

Aceito em: 10/07/2019